

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

O CORO: EXPERIÊNCIAS NA UNIVERSIDADE ANTROPÓFAGA

Joana Poppe Crivella

Joana Poppe Crivella | Mestrado
Linha de Pesquisa | PCT
Orientador | Prof Dr José da Costa

Atriz e colaboradora em processos de criação em teatro. Graduada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, técnico em Artes Dramáticas pela Casa das Artes de Laranjeiras. Tem experiência na área de Artes: com ênfase em Teatro atuando principalmente sobre os seguintes temas - Performance, Processos de Criação, Dança e Canto.



XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

O CORO: EXPERIÊNCIAS NA UNIVERSIDADE ANTROPÓFAGA

Joana Poppe Crivella

Prof Dr José da Costa | Orientador

O objeto abordado nesse trabalho é a Universidade Antropófaga (UA), prática de transmissão do conhecimento no Teatro Oficina Uzya Uzona, localizado à Rua Jaceguai, 520, na cidade de São Paulo, que abrange e reflete termos dos movimentos de vanguarda e modos de operar na construção de atores/atuadores. A antropofagia e alguns encadeamentos políticos e estéticos surgem para compreender possibilidades e liberdades desse espaço de atuação. A partir disso proponho a articulação entre termos como multidão, de Toni Negri (2004), e a cartografia de grupalidade de Peter Pál Pelbart (2007), que intensificam a reflexão dos aspectos políticos contemporâneos. O desenvolvimento da cartografia da grupalidade é passando pelos aspectos destacados por Pelbart na conceituação de biopolítica, isto é o *poder por dentro* para analisar as transversalidades do corpo-sujeito-político.

A UA é uma das etapas desenvolvidas pela companhia em 2015/2016 dentro do Teatro Oficina e é um desejo que começou na peça *Os Sertões* com um trabalho com crianças do bairro do Bixiga em São Paulo, denominado de Movimento Bixigão. O período entre 2002 e 2011, o trabalho com as crianças foi incorporado ao espetáculo, assim como o adensamento do coro nos espetáculos. Com isso, o aprimoramento desse trabalho houve o chamamento em 2011 e posteriormente em 2015.

O coro no teatro é unísono mas, sobretudo, heterogêneo. A característica na construção coral é uma possibilidade de horizontalidade de vozes muito distintas como uma das etapas do processo artístico. Existe um conjunto de singularidades em devir, em movimento e que falam por si, esse cenário híbrido é a definição ontológica de Multidão, segundo Negri (2004). A sutileza na definição desse conjunto heterogêneo desenvolve

XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

a própria definição do coro dentro da linguagem do Teatro Oficina. Como processo de reflexão, dentro da UA desenvolvemos a prática de partituras do coral composto por Heitor Villa Lobos que traz a forma clássica cantada pelo coral na língua tupi. A forma clássica é transformada pelo compositor para correspondência na forma nacional de produção de coral. Isto é, no processo da UA realizamos o coral a partir de cada voz singular que compunham a obra *A Floresta do Amazonas* de 1958. A Universidade ensaiou durante o processo a música *Mandu çarará* – parte da obra *A Floresta do Amazonas* –, e na composição havia uma divisão de ‘vozes’ que compunham esse coro. Existe, na discussão sobre o coro, a possibilidade de leituras acerca do singular. Pensar o equilíbrio de forças do sujeito, é pensar na noção de presença que cerca o performer. Durante a trajetória no processo da Universidade Antropófaga notei que o coro era composto de singularidades e é quase impossível dissociar os exercícios de voz da própria constituição da voz de cada um. A possibilidade desse olhar múltiplo colocou a própria técnica do saber em desordem – assim, a recriação de um novo método trouxe novas possibilidades de Universidade. Em entrevista dada ao jornal Folha de São Paulo em 1978 (CARDOSO), Zé Celso, o diretor da companhia Oficina Uzyna Uzona, diz que o coro que canta é o que produz eco, e assim reverbera. As cores do coro traduzem a singularidade, e isso é a forma do coro atuar, não apenas reproduzindo uma ideia.

O coro é uma poética da coesão, assim é necessária a preservação da potência individual. A potência, nesses termos, é o que transforma o coro em reformulação da ordem, e que só é possível com uma comunicação ontológica. Para isso há um nome utilizado dentro do Teatro Oficina, pela companhia, e também que estampa a calçada na frente do Teatro: *teato*. Segundo José Celso (2015) o *teato*, na atual versão do site¹ da Universidade, é desmascarar do personagem, visto pela tradição teatral, o sujeito que surge apenas como ficção rígida. Sim, é trazer a complexidade política do sujeito.

Existe uma comunicação não-verbal no teatro, o que não quer dizer que a fala não seja importante. O que está em questão é do plano corporal, rítmico, e em relação com a cidade ou com o Outro. O autor Armando Sérgio da Silva no livro *Oficina: do teatro ao te-ato* (1981), diz que é uma forma de comunicar-se diretamente com um

¹ <http://www.universidadeantropofaga.org/teato>

grupo coeso, e funcionaria para preservar o ambiente de interferências externas. Esse mecanismo de defesa é um dispositivo de preservação do coletivo em detrimento aos meios de comunicação em massa. A prática de transmissão dessa forma de linguagem é realizada na UA, e de alguma forma preserva o grupo de interferências externas.

A multidão é o acontecimento contemporâneo em si de possibilidade coletivas de criação e que traz o aspecto híbrido. Hoje, no ambiente urbano das manifestações é possível observar seu caráter impermanente e efêmero. Assim, compreender a impermanência é a potência da multidão. Como conceitua Toni Negri, no texto *Para uma definição ontológica da multidão* é impossível o corpo estar completamente sozinho (NEGRI, 2004). A partir dessa constatação o autor desenvolve os princípios potentes de ser multidão e os princípios bases de produção dessa observação de classe social. Durante o período moderno, segundo o recorte de Foucault (2004), os traços da hegemonia estiveram delineados entre os princípios da ideologia e o pensamento sobre um soberano. Posteriormente, há uma transformação e uma nascente de um prólogo sobre o poder de imanência, como mostra o próprio Foucault, e a história do tempo presente pensa o caráter capital que a vida tornou-se, e o grau biológico do desejo.

Essa reflexão é uma constatação de impossibilidade de estar só, pois tanto a comunicação em rede como os nossos desejos são compartilhamentos de solidão. Somos, segundo Pelbart, uma cartografia de grupalidade, e existir é uma potência de agir. Dentro da UA, e com a contribuição de orientação do Prof. Dr. José Da Costa, a possibilidade de dialogar nesses termos políticos e poéticos foi possível para a investigação desse projeto em estágio de desenvolvimento durante o ano de 2017.

REFERÊNCIAS:

CARDOSO, Jary. **A hora é de libertar**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 09 de julho de 1978. Folhetim (77): 2-4.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

NEGRI, Antonio. **Para uma definição ontológica da multidão**. Revista Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia n 19-20, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

PELBART, Peter Pál. **Elementos para uma cartografia da grupalidade**. In: Próximo Ato. Itaú Cultural, 2007.

SILVA, A. S. **Oficina: do teatro ao te-ato**. São Paulo: Perspectiva, 1981.